

POBREZA E GRACIOSIDADE: UMA MEDITAÇÃO A PARTIR DE KIERKEGAARD

Ramon Bolívar Cavalcanti Germano¹

RESUMO: A partir de um fragmento de texto de Kierkegaard meditamos sobre a pobreza e a graça. Duas figuras arquetípicas (o abonado e o camponês pobre) orientam nossa meditação. A noite escura, mas estrelada é a ambiência de uma vida que pode ser vivida segundo as posturas opostas do abonado e do camponês pobre: de um lado, uma ânsia mundana, de outro, a serenidade interior.

Palavras-chave: pobreza; graciosidade; exterioridade; interioridade.

ABSTRACT: From a text fragment by Kierkegaard we meditate about poverty and grace. Two archetypal figures (the wealthy and the poor peasant) guide our meditation. The dark but starry night is the ambience of a life that can be lived according to the opposite attitudes of the wealthy and the poor peasant: on the one hand, a worldly craving, on the other, the inner serenity.

Keywords: poverty; gracefulness; exteriority; interiority

No VI discurso d’*O Evangelho dos Sofrimentos*, Kierkegaard a certa altura introduz a seguinte imagem:

Quando o abonado, numa noite escura, mas estrelada, viaja confortavelmente em seu carro e tem lanternas acesas, sim, é seguro para ele, não teme nenhuma dificuldade, ele mesmo conduz a iluminação consigo, e na proximidade ao redor dele, justamente por isto ele simplesmente não consegue enxergar as estrelas, suas luzes escurecem as estrelas, as quais o camponês pobre, que anda sem lanterna, pode gloriosamente ver na noite escura, e contudo estrelada (KIERKEGAARD, 2018, p. 173).

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba. Professor na Universidade Estadual da Paraíba. bolivargermano@gmail.com

Esta imagem parece dizer muito. Há de fato nela muito que se pensar. Quase como uma parábola, o quadro nos intriga e nos incita à meditação. Queremos então nos deter com calma em cada traço desta imagem para aprender dela, para acolher o que ela tem a nos comunicar. Pedimos apenas que não nos cobrem uma fidelidade ao contexto donde extraímos esta imagem. Cada um pode ter a experiência ímpar de ler esta passagem no seu contexto original. O nosso contexto, neste caso, é outro.

I.

A noite de que se fala é escura, porém estrelada. Não que as estrelas simplesmente iluminem a escuridão dissipando-a. A noite estrelada é sempre, ao mesmo tempo, uma noite escura. Podemos dizer que esta noite é tanto mais estrelada, quanto mais a escuridão é escura. Nesta noite viaja um abonado, um afortunado, um favorecido. Perguntemo-nos em primeiro lugar: quem é o abonado?

O próprio texto nos encaminha para a resposta: O abonado é aquele que viaja na noite escura munido de lanternas. Quer dizer que ele dispõe de meios para varar a escuridão e para superar os obstáculos que se interponham no caminho. O abonado é exatamente aquele que possui os meios: os meios de transporte, os meios de subsistência, os meios de controle, os meios de produção, os meios de vida e assim por diante. É isso que faz dele um abonado: ele possui os meios que o auxiliam nas estradas da vida. Estes meios lhe dão conforto e segurança – o texto diz que ele “viaja confortavelmente” e que ali “é seguro para ele”. Na nossa linguagem corrente diríamos que o abonado está confortável e seguro porque é uma pessoa *prevenida*. O sujeito prevenido é aquele que sabe se antecipar, que prevê o perigo e a dificuldade e que está suficientemente munido com os meios próprios para enfrentá-la. Dizemos, neste sentido, que o abonado está bem provido. Seu estado afortunado diz respeito à posse e controle das pro-visões. Pro-visão, com efeito, quer dizer ver adiante, ver antecipadamente. As lanternas que alumiam o caminho trágico pela noite escura são justamente os meios que servem como pro-

visões para o abonado. Elas representam a dependência do abonado em relação às suas próprias pro-visões. Ele se sente seguro justamente porque sente que é, para si mesmo, sua própria providência. Por isso o texto diz que ele “não teme nenhuma dificuldade” porque “ele mesmo conduz a iluminação consigo”. Isto nos parece importante. O abonado sente-se seguro em meio à noite escura justamente porque “ele mesmo conduz a iluminação consigo”. Conduzir *ele mesmo* a iluminação é estar no controle, é ter a posse daquilo que supostamente garante a segurança – é, em suma, exercer domínio sobre aquilo que, do contrário, irromperia de maneira indômita e gratuita. O abonado, mais uma vez, toma a si mesmo como sua própria providência. Sua fortuna de pro-visões faz crescer nele a altivez daquele que é senhor de si. As lanternas o encham de confiança e de senso de poder. Nada há para temer porque tudo está sujeito à penetração impudica do facho de luz. Não há mistério no interior da noite, não há surpresas, não há antros desconhecidos nem acontecimentos súbitos – tudo está iluminado de maneira quase obscena. Por isso mesmo, como veremos, as estrelas – sempre pudicas – retiram-se e recolhem-se em recato.

Em um sentido ainda mais sutil, o abonado é aquele que possui, antes de tudo, a luz de um *saber*. A noite escura indica justamente o oculto, o não-sabido, aquilo que o abonado deixa para trás sob a força penetrante de suas luzes. As lanternas, neste sentido, são o enfoque e a segurança de um *saber*. Ele está seguro e “não teme nenhuma dificuldade” porque *sabe* demais. Boas lanternas significam força de penetração e de sondagem, poder para perscrutar e esquadrihar. Tudo aquilo que pode ser visado pelo enfoque daquele saber (pelas lanternas) é então apreendido como o sabido, o conhecido. Mais ainda, todo horizonte de visibilidade passa a ser definido pelo alcance daquelas luzes, pelo alcance daquele saber. O que as lanternas são incapazes de iluminar simplesmente não existe, não importa, não interessa. O mundo iluminado pelas luzes daquele *saber* é sempre ostensivo, escancarado. Disso provém aquela segurança, do fato de que o inapreensível, o

recôndito, o ignorado é negado pelos canhões de luz – canhões que disparam contra o não-sabido.

Este saber de que dispõe o abonado é tanto melhor quando mais ilumina em extensão e em profundidade. Assim como o que define uma boa lanterna é o seu poder de alumiar uma extensão importante com o foco adequado, igualmente o que define o saber do abonado é sua capacidade de só iluminar o que interessa, isto é, de manter o foco, de não se estender para além daquilo que importa. Mas o que é que importa e o que é que interessa para este saber? Ora, justamente aquilo que se mantém na restrição do seu enfoque. E aqui está o segredo das lanternas do abonado, o segredo de seu saber: que ele serve justamente para promover uma restrição ou uma redução do olhar. É por isso que as lanternas do abonado, na medida em que enfocam o mundo lá fora, ao mesmo tempo ofuscam algo. É importante que as lanternas sejam fortes, que o saber seja penetrante e sempre mais objetivo, para poder justamente ofuscar tudo aquilo que venha a escapar do seu enfoque, tudo aquilo que remete demais à interioridade, tudo aquilo que é incontrolável, irruptivo e gratuito.

Por isso podemos dizer que o abonado é aquele que possui os meios de apreender ou mesmo de dominar o mundo *lá fora*. Mas para que seu enfoque se mantenha restrito à *exterioridade* do “*lá fora*”, ele precisa ofuscar o “*lá dentro*”, a *interioridade* – as estrelas.

II.

Diz o texto: “suas luzes escurecem as estrelas”. Surpreendente é este modo de expressão. Fala-se de luzes que, ao invés de iluminar, escurecem! Mais ainda, o iluminar daquelas luzes é, ao mesmo tempo, um obscurecer. Elas obscurecem as estrelas porque obscurecem o escuro da noite, quer dizer, cegam o ser humano para o escuro. É uma cegueira provocada por um excesso de luz. É tão forte o *saber* do abonado, tão intrusivo, que já não há mais para ele o escuro, o desconhecido, o

não-sabido. Ele é cego não porque não vê, mas porque *só vê* com os olhos exteriores de suas lanternas. Porque enxerga demais – quer dizer, mantém seu olhar aderido demais àquilo que a luz de seu saber revela – ele é incapaz de ver a noite escura e, na noite escura, o brilho das estrelas.

A noite escura representa uma carência, uma indigência de meios e uma precariedade de saber. Os místicos aludiam à “noite escura” para designar justamente o sentimento de profundo desamparo, a experiência do abissal silêncio de Deus. É porque numa noite realmente escura sentimo-nos desnorteados e desamparados, vulneráveis e frágeis. É aí que o caminho tonar-se vale tenebroso. É fácil extraviar-se porque não se vê um palmo à frente do nariz. O risco é tropeçar e cair em perdição, perder toda a orientação e norte.

É este desamparo que o abonado ofusca com suas luzes. Restrito ao enfoque do seu saber e de posse das provisões, ele se esquece de sua dependência, de que caminha em noite escura e que, sendo assim, não sabe para onde vai. Ele segue suas luzes, mas para onde elas o conduzem? Ele está de posse dos meios, mas onde está o fim? Pois na noite escura ficamos assim, desnorteados, em busca de uma luz que nos indique por onde ir, uma luz que nos mostre o oriente, o destino, o fim. Assim está também o abonado – está desnorteadado, desorientado – mas suas lanternas ofuscam justamente este estado. Sentindo-se seguro de si, conduzindo ele mesmo as suas luzes, sendo para si mesmo sua providência, ele desdenha o escuro, quer dizer, despreza o ignorado, pois o escuro é justamente o ignorado, o não-sabido. Neste desdém está oculta, ou melhor, ofuscada, a sua própria desorientação, o seu profundo desamparo. “Suas luzes escurecem as estrelas”.

Ora, aqui nos vemos diante de um mistério fascinante. A melhor lanterna, o mais potente canhão de luz, por mais forte que seja, não mostra para onde ir, não indica a direção, não orienta nem norteia. Já a estrela, por menor que seja, por mais pálido que seja o seu brilho, é norte e oriente para o viajante. Por isso que, perdidos na escuridão do alto mar, os navegantes tem suas lanternas como peso morto. Só

lhes interessa as estrelas. Mas as luzes do abonado escurecem exatamente as estrelas, de modo que no desamparo e no extravio ele já não sabe para onde ir – ainda que se iluda a si mesmo pensando que a luz da lanterna o orienta.

Quer dizer que ao ocultar de si a sua própria dependência e o seu desamparo, sua vulnerabilidade e fragilidade essenciais, o abonado perdeu ao mesmo tempo a sua orientação – o brilho das estrelas. Ao cegar-se para não ver a escuridão, ele fechou os olhos também para os luzeiros que norteiam. Com outras palavras, a negação da absoluta dependência e a aderência a si mesmo como providência de si é, curiosamente, forte e profundo extravio – é mesmo perdição.

O que faz o abonado perder-se e extraviar-se é a sua aderência ao mundo “lá fora”, sua dependência em relação à exterioridade. Está “lá fora” tudo que é passível de manipulação e de posse. É âmbito de exterioridade tudo aquilo que se dá como um horizonte de visibilidade, como algo que está ali, lançado à frente e que, como tal, pode ser possuído, controlado, sondado, dominado, manipulado, e assim por diante. Estar lançado à frente, como se sabe, diz-se *objeto*. De sorte que o abonado é aquele que se mantém aderido a um âmbito de exclusiva objetividade. Para ele só as coisas interessam, só o status de objeto importa. Mas é ali, no “lá fora” das coisas ou na exterioridade do objeto, que ele encontra a sua segurança. Estar seguro para ele significa dominar o mundo “lá fora”, ser capaz de manter-se acomodado às exterioridades, ou seja, permanecer dependente apenas das coisas que ele pode dominar. Não depender de nada além das coisas que estão à vista e à mão – eis a segurança do abonado. Isso significa, no fundo, depender apenas de si mesmo, de seu poder de manipular e dominar o mundo “lá fora”.

Mas olhemos com atenção: aquele que se mantém aderido demais às coisas; aquele que encontra a sua segurança e a sua orientação na exterioridade do mundo objetivo – este começa a tornar-se, ele mesmo, coisa, objeto, exterioridade. Este é o engano que para o abonado se constitui como o seu extravio e a sua perdição. Aderido à exterioridade, dependente do objeto manipulável, preso às coisas que

estão à vista e à mão, ele próprio acaba por tomar-se por “coisa”, por pura exterioridade, por objeto entre os objetos. O seu tesouro é a exterioridade de um mundo que se possui. E onde está o seu tesouro está também o seu coração. Quer dizer que assim como o máximo para ele é a objetividade manipulável por si e para si, também ele (o seu cerne, o seu âmago, o seu coração) passa a se constituir como pura objetividade, como coisa desprovida de vida interior, como coisa oca por dentro, mero invólucro, um chassi de nada, uma exterioridade pura. É assim que o abonado, que possui o mundo, perde-se a si mesmo em se tornando puramente mundano. Mundanidade, com efeito, é exterioridade pura, superfície sem profundidade, ausência de interioridade. Esta interioridade que está ausente é a noite escura e estrelada de que fala o texto. É o que falta ao abonado justamente porque não lhe falta coisa alguma. Em termos mais diretos: interioridade é, em certo sentido, indigência de coisas, ausência de posses, dependência, numa palavra, pobreza – justamente aquilo que falta ao abonado.

Isso não deve nos surpreender! O que falta ao abonado não é coisa alguma, mas justamente a falta, a carestia ou a carência. Ser abonado é não estar à mercê ou, o que é o mesmo, estar à mercê apenas de suas posses e de si mesmo. É ser dependente apenas das coisas que estão à mão, que podem ser possuídas, isto é, dominadas e manipuladas; é ser dependente, em suma, apenas de si mesmo. Mas quem é ele? Quem é este homem de que o abonado é dependente? É um homem possuído pelas coisas, é um homem que se misturou a tal ponto com o mundo “lá fora” que acabou por tornar-se homogêneo com este mundo, aderido, colado a ele. É um homem perdido, não porque perdeu as coisas, mas porque perdeu a si mesmo, extraviou-se da sua vida interior, do seu espírito, isto é, de sua pobreza essencial, de sua dependência de raiz, de sua indigência nuclear. É isto que o camponês pobre conserva: ele está engolfado na noite escura – e por isso mesmo é capaz de ver o céu estrelado.

III.

No final o texto faz referência ao camponês pobre, que anda sem lanternas. Ora, andar sem lanternas é propriamente ser pobre, quer dizer, estar desprovido dos meios, estar completamente desprevenido. O pobre não encontra em si sua própria providência justamente porque não tem nada que lhe sirva de pro-visão. Desprovido de pro-visões, ele é incapaz de ver antecipadamente, isto é, de viver segundo um imperativo de prevenção. Quer dizer que está e permanece submerso na noite escura. Por isso é pobre: porque para ele a noite escura se apresenta como tal, como escuridão profunda. E, no entanto, mergulhado nesta escuridão, o camponês pobre está mais sereno do que o abonado, justamente porque as estrelas brilham sobre sua cabeça. Apesar de sua indigência, ele sabe para onde vai – as estrelas o orientam e indicam-lhe o norte.

O abonado só olha ao redor, só se volta para o entorno, só enxerga o exterior que suas luzes revelam. Nunca olha para cima. Mas notemos bem: olhar ao redor, é sempre olhar para fora. Olhar para cima, pelo contrário, é olhar para dentro. O camponês, que fita as estrelas, volta-se para o seu próprio interior e ali encontra vida e orientação. O que é o brilho das estrelas? É a gratuidade, é a graça, é a absoluta dependência do homem pobre. O que brilha é a vida dada de graça e por isso o cintilar das estrelas é uma viva expressão imagética da graciosidade. Essa graça, essa percepção profunda da gratuidade e da dependência, é a vida interior, é o espírito que cala no mais íntimo do camponês pobre. Se o abonado perde o seu próprio espírito ao se misturar indevidamente com o mundo “lá fora”, com a pura exterioridade, o pobre religa-se com o seu espírito ao desprender-se do mundo e quedar-se assim, desprendido, abandonado, totalmente a mercê de um poder que ele não domina, não possui nem retém. Onde está a meta? Onde está o fim, o oriente, o norte? Certamente não está ali fora, onde as luzes do abonado alumiam. Está antes aqui dentro, reentrando para o interior, onde há escuro profundo e, por

isso mesmo, brilho estrelar, vida interior, espírito. Pois espírito é interioridade, é a força do estar à mercê, a força da dependência, a coragem e a confiança naquilo que nos sustenta e que não é coisa alguma.

Ser um chassi de nada, um invólucro, mera superfície sem âmago, é ser desprovido de espírito, é ser, num sentido extremo, apenas um abonado, quer dizer, aquele que possui e é possuído por coisas – aquele que se tornou, pouco a pouco, vazio como uma carcaça de máquina, como um esqueleto de nada. Não é assim quando no interior vige a pobreza, quando está vivo no interior do homem o espírito da pobreza. Pois contraditoriamente, a pobreza do camponês é fonte inesgotável de vida, porque ele só é pobre de coisas, mas – num sentido bastante preciso – é rico de ânimo, cheio de entusiasmo, livre em seu próprio abandono ou, por assim dizer, abonado em sua pobreza. É pobre, mas cheio de graça. O abonado é rico, mas des-graçado, isto é, desprovido de graça. Por isso mesmo a atitude do camponês, como bem poderíamos supor, é de transbordante gratidão. Ele caminha a pé, sem lanternas, mas uma luz interior (estrelas?!) incandesce: é o brilho da gratidão. Na gratidão o pobre *deixa-se-ser*, entrega-se aos auspícios da graça e por isso serena, acalma o espírito. Daí que o espírito da pobreza seja gratidão e serenidade. Mas não porque se exerce o controle e o domínio. A segurança do controle e do domínio é forte e profunda insegurança. A serenidade do espírito é desprendimento e entrega, é graciosidade e gratidão.

Essencial é, portanto, ser pobre. Que não nos escandalizemos desta exigência! Sabemos que a palavra pobreza sempre vem associada à opressão e à injustiça. Mas não é desta pobreza funesta que tratamos aqui. A cisão diabólica que separa os seres humanos em ricos e pobres subverte e anula a pobreza essencial de que falamos. Os pobres são oprimidos e esmagados a tal ponto que a aderência às coisas se lhes torna inevitável na maioria dos casos. A violência que lhes é infligida não atinge apenas seus corpos, mas também os seus espíritos. Eles são obrigados – eis a máxima violência – a “amar” precisamente aquilo que lhes causa tanta dor e

agonia. São obrigados a “amar” o poder e a posse sobre as coisas, ou seja, o modo de ser do abonado e do rico. Quer dizer que a violência atinge o pobre com tanta força que lhe subtrai até mesmo a possibilidade de encontrar a sua riqueza interior, a serenidade da gratidão, a possibilidade de alegrar-se com a sua dependência de raiz, em suma, lhe subtrai a própria pobreza! Esta é a definição de miséria: *já não poder nem mesmo ser pobre*.

Pobre, como o entendemos, é o ser vivente que se assemelha aos demais seres viventes, mas que tem algo a mais: a dobra da gratidão. Ele é como um pássaro, uma planta, um ser vivo dependente, mas ele se dobra sobre sua dependência, a sente e a experimenta, frui e sofre sua vida como gratuidade e graça, de modo a ser promovido à condição de pobre: aquele que dá graças, que é grato. Esta gratidão que forma a pobreza, em se redobrando sobre si mesma é, finalmente, *gratidão pela gratidão*, um *crescendo* de graça sobre graça.

Assim o camponês pobre, que anda sem lanternas, perfaz o seu caminho e contempla na noite escura o céu estrelado. Porque de fato é escura a noite, é forte a indigência de meios, é grande a ignorância, é extenso o não-saber, é intensa a precisão, mas por isso mesmo é belo o brilho das estrelas, é gracioso o caminho e gratificante a viagem.

REFERÊNCIAS

KIERKEGAARD, Søren A. **Discursos Edificantes em Diversos Espíritos**. Tradução de Álvaro L. M. Valls e Else Hagelund, São Paulo: LiberArs, 2018.